

# A INTERFACE DO COTIDIANO ESCOLAR NA PERSPECTIVA DA EDUCAÇÃO INCLUSIVA: POSSIBILIDADES DE INTERVENÇÃO PSICOPEDAGÓGICA

Fabiani Ortiz Portella

*“Trate as pessoas como se elas fossem o que poderiam ser e você as ajudará a se tornarem aquilo que são capazes de ser.” [Goethe]*

Trate as pessoas como se elas fossem o que poderiam ser, trate as pessoas como se elas fossem: cheias de vida, de expectativas, de esperanças. Pessoas que amam e odeiam e são amadas ou indesejadas, que assumem diferentes papéis, que aceitam e que recusam, que protestam e que concordam, que sorriem, mas que também choram. Pessoas que têm histórias, que têm cultura, que têm crenças e que têm valores. Pessoas que devem ser consideradas com suas idiossincrasias, como qualquer ser humano que deseja SER. Para isso, muitas delas vão à luta. Nem sempre vencem, mas transformam os fracassos em ensinamentos para buscarem novas conquistas.

Partindo desse pressuposto, na sua prática diária, você, educador certamente ajudará seus educandos a se tornarem aquilo que são capazes de ser. A frase é interessante e provoca muitas reflexões. Veja que o autor usa os verbos *tratar*, *poder* e *ser*. Depois usa, *ajudar*, *tornar* e *ser*. Dá margem para um amplo debate na perspectiva da Educação Inclusiva.

Pensar e escrever algumas ideias preliminares sobre o cotidiano escolar na perspectiva inclusiva não é uma iniciativa fácil, pois requer uma leitura diária reflexiva e sistematizada, não podendo correr o risco de tornar-se uma “fotografia” isolada de todo o processo de aprendizagem inerente à escola. Para tanto, convido você a partir dos embasamentos dos campos de conhecimentos oriundos da Psicopedagogia e Pedagogia a buscar algumas reflexões sobre o fazer educativo no cotidiano escolar.

O dia-a-dia da vida na escola estabelece as primeiras relações sociais, afetivas e cognitivas fora do ambiente familiar. Um cotidiano a ser explorado, permeado de inúmeros desafios, que deve se constituir como um ambiente favorável para criar interações e novas formas de aprendizagem. Na perspectiva psicopedagógica, compreende-se aprendizagem como uma articulação entre o conhecimento e o saber de forma singular, realizada por meio da relação estabelecida entre ensinante e aprendente – Fernandez utiliza para designar uma nova visão da relação entre educadores e educandos, onde os espaços e tempos do aprender estão para além das escolas e são percebidos na complexidade e

---

Fabiani Ortiz Portella – Pedagoga, Orientadora Educacional, Especialista em Psicopedagogia Clínica, Mestre em Educação, Professora Universitária, Organizadora de livros na área da Psicopedagogia, Conselheira da ABPP Nacional.

---

Correspondência  
Fabiani Ortiz Portella  
Rua Luiz Afonso, 269 – Cidade Baixa – Porto Alegre, RS, Brasil – CEP 90050-310  
E-mail: fabianiortizportella@gmail.com

na totalidade da vida de cada um de nós, sujeitos inseridos na dinâmica relacional do viver e conviver com os outros – e suas experiências de vida.

Um dos fatores essenciais, presentes no ambiente escolar é a sala de aula, no aspecto físico, pois passa a ser o local de referência do educando, portanto, é fundamental um projeto de acessibilidade, implicando mudança estrutural da escola para que todos os alunos tenham suas especificidades atendidas, nos transportes, nos mobiliários, nas comunicações e na informação. A sala de aula também deve ser considerada no aspecto social, cognitivo e afetivo, o qual se constitui com a grande oportunidade de compartilhar conceitos e valores básicos culturais, visando ao desenvolvimento de um currículo que privilegie, ao mesmo tempo, o reconhecimento individual e a valorização da diversidade, rompendo os “pré-conceitos” contidos no pensamento hegemônico vigente.

Outro fator fundamental é o projeto político pedagógico da escola, que deve respeitar e colocar em prática os pressupostos da Inclusão, estabelecendo em conjunto uma rede de apoio desde o acesso até a permanência de todos na escola, com um ensino de qualidade, desejando que cada educador possa entender e intervir com o desafio da multiculturalidade como possibilidades de leitura e compreensão de mundo.

De acordo com Morin<sup>2</sup>, *“não se pode reformar a instituição sem a prévia reforma das mentes, mas não se pode reformar as mentes sem uma prévia reforma das instituições”*. O pesquisador adverte sobre a premência do investimento em formação, tanto pelos órgãos competentes, como também pela responsabilidade e ética profissional de cada educador, na implementação de estratégias e criação de estratégias facilitadoras do processo de aprendizagem.

A grande interface da Educação Inclusiva está focalizada no papel da instituição escolar na formação das novas gerações, isso implica em questionar – De que forma isso tem acontecido? Segundo Mantoan<sup>3</sup>, *“um novo paradigma do conhecimento está surgindo das interfaces e das novas conexões que se formam entre saberes*

*outrora isolados e partidos e dos encontros da subjetividade humana com o cotidiano, o social, o cultural. Redes cada vez mais complexas de relações, geradas pela velocidade das comunicações e informações estão rompendo as fronteiras das disciplinas e estabelecendo novos marcos de compreensão entre as pessoas e do mundo em que vivemos”*.

É certamente com o ingresso no ambiente educativo que geralmente ocorrem as interações favoráveis ou desfavoráveis, ao expor a imagem pessoal na sala de aula, onde a criança se socializa e desenvolve suas habilidades. Hoje se aprende para viver e não mais se vive para aprender, feito o trocadilho percebe-se a ruptura dos paradigmas educativos, sabendo-se que é justamente na diversidade que se aprende; do inesperado, é que nascem as ideias; do desequilíbrio é que se faz a transformação. Portanto, a legitimação do ato educativo inclusivo cada vez mais se torna objetivada pela cotidianidade.

O cotidiano escolar passar a ser entendido como um grande espaço promotor de criatividade e de desenvolvimento de potencialidades de cada educando. Por meio das relações com o outro, com sua aprendizagem e com os adultos esse espaço potencial vai sendo construído de forma a tornar-se um lugar que desenvolve a criatividade e a formação do ser. Por meio de um ambiente contenedor e promotor de confiança, as relações transformam-se e as crianças trilham seus caminhos rumo à independência e à autonomia. É o exercício diário de busca por uma sociedade cada vez mais educativa que reivindica a participação de todos os envolvidos no processo de ensino e de aprendizagem.

Dessa forma, cria-se uma possibilidade para um ambiente cada mais motivador, na medida em que alunos e professores tornam-se autores de iniciativas compostas de subjetividades e desejos. Não estamos falando sobre utopias, mas sim de uma proposta de pensar que amplia e reconfigura algumas dimensões da escola hoje em seu contexto social.

Cabe ao educador, de acordo com seu modo de tratar seus educandos, tanto pela igualdade como

pela diferença, *poder* ter esse paradigma como um valor indissociável, desenvolvendo o projeto político pedagógico e *ser* agente de transformação social. Por meio de suas intervenções, criar alternativas para superar as dificuldades *ajudar*,

*tornar e ser* a cada educando, promover no dia-a-dia da escola esse espaço para a convivência e construção de novas configurações, a fim de acompanhar as mudanças da sociedade e articular todos os envolvidos no processo de aprender.

#### REFERÊNCIAS

1. Fernández A. O saber em jogo. Porto Alegre: Artmed;2001.
2. Morin E. A cabeça bem feita: repensar a reforma, reformar o pensamento. Trad. Jacobi-

na E. 4<sup>a</sup> ed. Rio de Janeiro:Bertrand Brasil; 2001.

3. Mantoan MTE. Caminhos pedagógicos da inclusão. São Paulo:Memnon Edições Científicas;2001.

---

*Trabalho realizado no consultório da autora, Porto Alegre, RS, Brasil.*

---

*Artigo recebido: 18/5/2011*

*Aprovado: 11/7/2011* ■